



ERNESTO RODRIGUES/AE

# Superando barreiras para prestar o Enem

## Ana Bizzotto

Quando o glaucoma de Leila Batista foi identificado, ela tinha 6 anos e já havia perdido a visão esquerda. Logo depois ficou totalmente cega. “Sentia muita dor nos olhos e passei boa parte da infância internada entre uma cirurgia e outra.” Aos 39 anos, ela vai realizar o sonho de concluir o ensino médio e prestar o Enem.

Portador de deficiência motora nos braços, provocada por paralisia cerebral, Ivon Dias, de 33, vai prestar Enem e Fuvest. “Tive de reclamar do local de prova do Enem, era muito longe de casa. Mudaram para um mais próximo.”

Leila e Ivon integram o grupo de 24,6 milhões de brasileiros portadores de deficiência, que representam 0,14% dos universitários do País. Essa participação pode crescer se passar no Senado projeto aprovado em abril pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, que cria cota de 10% de vagas nas universidades públicas para portadores de deficiência.

Leis obrigam vestibulares

### 0,14%

dos universitários brasileiros são portadores de deficiência

### 220

é a média anual de portadores de deficiência que prestam o exame da Fuvest

a garantir que deficientes façam os exames. O Enem terá provas em braile e com letras ampliadas para deficientes visuais, que serão acompanhados por leitores caso necessário. Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) vão ajudar deficientes auditivos e candidatas com dificuldades de locomoção terão salas de fácil acesso. Na Fuvest, Unesp e Unicamp, os procedimentos são semelhantes: os portadores de deficiência têm o direito

de pedir uma hora a mais de prova, exames e locais adaptados às suas necessidades.

Dos 29.750 matriculados na USP no primeiro semestre, 157 se declararam deficientes. Em média, 220 deles se inscrevem por ano na Fuvest e cerca de 80 pessoas participam da preparação e aplicação do exame. No vestibular de janeiro da Unesp, 58 portadores de deficiência prestaram o exame. Na Unicamp, o número gira em torno de 50 por ano.

“Nossa parte é feita, o problema é depois que eles entram na faculdade. Nem sempre encontram condições ideais, pois os prédios são antigos”, diz o coordenador do exame da Fuvest, Roberto Costa.

Lucas Maia, que é cego e concluirá o curso de Jornalismo da PUC-RJ este ano, acha que as cotas podem facilitar o acesso, mas não sabe se terão efeito no mercado de trabalho. “Mais produtivo que cota seria garantir que deficientes tenham capacitação para entrar na universidade. Mas isso não existe no Brasil.”

“Só fui aceito em escolas regulares após a Constituição de 1988”, lamenta Ivon, que se prepara no Cursinho do XI, do Centro Acadêmico do Direito USP. Leila estuda num supletivo oferecido pelo Cursinho da Poli e a UniSant’Anna, em parceria com a Federação Brasileira de Bancos. Além dos docentes, intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e leitores auxiliam os 135 alunos.

Leila registra o conteúdo das aulas com a reglete, prancheta com régua de alumínio usada para a escrita em braile. Seu colega Wellington Santana, que perdeu toda a visão aos 18 anos, utiliza o notebook para as anotações. “O leitor dita o que o professor escreve na lousa. A maior dificuldade é analisar gráficos”, explica.

Para outra aluna do supletivo, Vilma dos Santos, de 29, que perdeu quase 100% da audição, o problema é a parte escrita de língua portuguesa. “O caso dela é o oposto do que ocorre com quem nasce surdo. Vilma foi alfabetizada em português e depois aprendeu a língua de sinais”, diz o intérprete Edilson de Andrade. ●

## Rotina de vestibulando

O **Estadão.edu** segue há um mês a preparação para o vestibular de 5 alunos. Aqui, eles falam da expectativa para o Enem. Veja mais no blog (<http://blog.estadao.com.br/blog/pontoedu>)



**Caroline de Campos, 17 anos**  
Aluna do 3.º ano do Global

“Recebi e-mail e mensagem via celular indicando o lugar onde vou fazer a prova. Não é no meu bairro, mas de metrô dá para chegar rápido. Acho que treinei o suficiente. Num simulado do colégio, acertei 114 das 180 questões. Num simulado do Anglo, fiz 138 das 200. Este segundo foi bem cansativo.”



**Leandro Carabet, 18 anos**  
Aluno do cursinho Objetivo

“O vestibular mudou e tivemos que correr atrás. Fui superbem no simulado do Enem do Objetivo. Acertei 172 questões de 200 e fiz 100 pontos na redação. Com tantas inovações, espero que os examinadores privilegiem alunos mais criativos na redação. Estamos em 2009, portanto inovemos!”



**Natália de Castro, 19 anos**  
Aluna do cursinho Etapa

“Os professores não têm muito como dar dicas, porque será uma nova prova. Eles orientam que é um exame mais ligado a questões sociais e do cotidiano, requer muito raciocínio lógico. Aí, nós é que temos que nos preparar. Estudei muito. Estou doída para ter um domingo de folga, acordar tarde.”



**Bruno Ramos, 18 anos**  
Aluno do Cursinho da Poli

“Senti a diferença do novo Enem no último simulado. Antes, você tirava a resposta do próprio enunciado, agora cobram muito mais conteúdo e raciocínio. E não são exercícios que se resolve rapidinho. Faltavam cinco minutos para acabar o tempo de prova e a sala ainda estava lotada. Mas vou confiante.”



**Livia Victoria, 17 anos**  
Aluna do 3.º ano do Vera Cruz

“Senti a proximidade das provas: o Enem tá aí e faltam dois meses para a Fuvest! Resolvi pegar um pouco mais pesado. Fui bem no simulado do Enem da escola, mas senti cansaço no meio da prova. O tempo é o meu maior problema. Para resolver as questões rápido e lutar contra o relógio tem que ter treino.”